**AULAS QUE ACONTECEM NAS RUAS DA CIDADE: REFLEXÕES SOBRE AS TÁTICAS PRATICADAS POR PROFESSORAS DE HISTÓRIA**

Julia Gurgel do Amaral Freire de Carvalho[[1]](#footnote-1)

Universidade Federal Fluminense - UFF

Maria Inês Rocha de Sá[[2]](#footnote-2)

Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de mestrado de Julia Gurgel Carvalho, “Escolas Perambulantes: professoras e estudantes que caminham pelas cidades”, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, em 2022. Para a realização de sua pesquisa, a autora utilizou a conversa (RIBEIRO, SOUZA E SAMPAIO, 2018) como metodologia de trabalho. E a partir das narrativas com professoras de história da rede pública do Rio de Janeiro, teceu reflexões acerca do que envolve uma saída da escola com os estudantes, quais suas táticas (CERTEAU, 2012), às tensões vividas e seus desassossegos ao preparar a saída, desde a escolha dos espaços visitados, as potencialidades e parcerias estabelecidas no/para um passeio pedagógico.

Palavras Chaves: conversas, tática, ensino de história, saídas pedagógicas.

Resumo Expandido

Como as professoras de história da rede pública do Rio de Janeiro operamsuas táticas para a realização de passeios pedagógicos com seus estudantes? Quais experiências, que atravessam o *dentrofora* da escola, que desassossegam as professoras? Quais são as tensões que atravessam essa prática? Este texto traz esses e outros questionamentos que permearam a pesquisa de Mestrado de Julia Carvalho, trata-se, portanto de um recorte de sua dissertação “Escolas Perambulantes: professoras e estudantes que caminham pelas cidades”, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, em 2022, sob a orientação da profª Drª Nívea Andrade, coordenadora do Grupo de Pesquisa Juventudes, Infâncias e Cotidianos (JIC´s). A pesquisadora utilizou a metodologia das conversas (RIBEIRO, SOUZA E SAMPAIO, 2018) em sua pesquisa e a partir de narrativas das mesmas, teceu reflexões acerca do que envolve uma saída da escola com estudantes dialogando com o campo dos estudos com os cotidianos. No presente texto, abordamos, sobretudo, trechos de conversas com 3[[3]](#footnote-3) (três), das 4 (quatro) professoras de História da rede pública do Rio de Janeiro, interlocutoras da pesquisa - Pâmella Passos, Eleonora Abad e Ludmila Gama, destacando em suas narrativas os vínculos e parcerias estabelecidas para a realização de uma saída escolar, neste recorte, parcerias e vínculos, entendidos como táticas (CERTEAU, 2012).

Para Certeau (2012), às noções de estratégia e tática de praticantes do cotidiano, estão relacionadas aos movimentos operados pelas pessoas que detém o poder e às que não detém o poder. O autor chama de:

*estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.) (CERTEAU, 2012, p.93).

(...) chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (...) Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 2012, pp. 94-95).

Deste modo, percebemos como as professoras interlocutoras usam sua astúcia para viabilizar as saídas da escola na disciplina de História como por exemplo: convidar outras professoras para irem junto, estabelecer vínculos com os espaços visitados e programas e/ou cursos institucionais.

(...)pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. (CERTEAU, 2012, pp. 45-46).

As professoras-interlocutoras da pesquisa contaram a respeito de como preparavam suas saídas. Temas importantes que surgiram nas conversas a respeito deste planejar: a autocensura x pensamento crítico frente aos temas polêmicos abordados nas atividades, o uso de táticas para garantir o reconhecimento institucionalmente destas atividades - na procura de garantir os recursos para a realização de tais, a busca por parceiras e os corpos que ocupam a cidade, sem esquecer o enfrentamento cotidiano da luta contra a precarização da rede pública.

“Sozinho não vai rolar, você vai precisar da parceria, você vai precisar de gente com você”. Esta frase surgiu na conversa com a professora Eleonora. Esse tema das parcerias se fez presente em todos os encontros e parece de extrema relevância para pensar as táticas com as quais as professoras operam para a articulação das saídas da escola.

Tanto Eleonora quanto Ludmila tiveram a oportunidade de supervisionar licenciandos do PIBID[[4]](#footnote-4), encontrando neste programa uma importante parceria. A reflexão proposta aqui a respeito da importância das parcerias com o PIBID, a IC e com os estágios da disciplina Pesquisa e Prática de Ensino (PPE)[[5]](#footnote-5), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense diz respeito à dissolução da personagem da “professora salvadora”, aquela que faz tudo acontecer sozinha através de uma resistência individual e busca visibilizar a dimensão da articulação coletiva feita pelas professoras para que esses trabalhos, fora da escola, aconteçam.

Na mesma perspectiva dos vínculos e parcerias que uma saída pedagógica pode movimentar, Ludmila contou sobre a uma saída realizada para o Museu da Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAR), a convite de um estagiário seu que trabalhava como educador do museu na época. Jonathan, seu estagiário da disciplina de PPE, convidou Ludmila para visitar o museu se dispondo a fazer uma visitação guiada com ela e sua turma. Ela e a professora de sociologia, sua parceira na escola, embarcaram nessa aventura. Ludmila disse ter sido uma experiência que marcou sua história como docente:

A experiência mais marcante que eu tive, (...) foi com um estagiário que era arte educador do Museu de Artes do Rio, o Jonathan. (...) Jonathan me encorajou muito para irmos com um grupo de alunos (...) no MAR, que ele ia fazer uma visita guiada. E essa experiência foi incrível, foi uma experiência única na minha vida e a forma de guiar no museu também foi muito especial! (GAMA, Ludmila. Conversa realizada em setembro de 2020).

As parcerias aparecem tanto a respeito da questão de logística das saídas, quanto também em relação às possibilidades de trabalho. Como, por exemplo, a diferença que faz o trabalho poder ser feito em grupos menores, cada grupo acompanhado por uma pessoa diferente (não por somente uma professora só). Assim o uso da voz da professora muda, as exigências sobre seu corpo são outras, assim como sua atenção e preocupação.

Já Eleonora, por sua vez, disse assim:

(...) existia essa preocupação de ‘o grupo todo está me ouvindo? Todos estão prestando atenção?’ (...) O que eu já comecei a fazer, desde o PIBID também, visto que os estágios me ajudam muito, é a parceria com essas outras pessoas, que é muito bacana. Porque nós nos preparávamos antes, os estagiários e os *pibidianos*, o que íamos abordar, o que queríamos falar, então nós dividíamos aquele grupo maior de alunos em grupos menores e aquilo ajudava muito. (...)Então não ficava tão centralizado em mim. (...) Assim, fomos pensando essas estratégias, porque, não funciona eu sozinha com um grupão, no caso de uma aula externa eu preciso que tenham esses grupos menores, eu preciso dessa parceria (ABAD, Eleonora. Conversa realizada em setembro de 2020).

Poder contar com essas parcerias que por vezes são com os estagiários, por vezes são com outras professoras ou até agentes educativos dos espaços visitados é apresentado como algo importante, inclusive para os próprios processos de *ensinoaprendizagem* dos estudantes. Como a professora registrou, assim ela mesma pode ter uma presença diferente, mais atenta, podendo dialogar mais com a turma. As professoras narraram momentos importantes, de conversas com os estudantes a respeito do compromisso e responsabilidade que cada um deve assumir para que as saídas possam acontecer, afinal, circular pela cidade com grupos de crianças e jovens é uma responsabilidade tremenda, onde a preocupação com sua segurança é essencial e deve ser compartilhada por todos.

Desta forma, para que o trabalho possa acontecer é importante que os estudantes se responsabilizem pelo trabalho também, que fiquem atentos ao grupo, que não saiam correndo pelas ruas, que fiquem atentos aos seus colegas, que caminhem juntos. Uma responsabilização que deve ser coletiva, não individual, não só da professora nem só de cada estudante para consigo mesmo.

As professoras narraram, também, que existe outra forma de parceria, aquela estabelecida com os agentes dos espaços visitados. A história de Ludmila sobre a parceria com Jonathan, enquanto seu estagiário, mas também enquanto educador do museu. Eleonora falou sobre as saídas para Paquetá com as turmas no final do ano letivo e que lá conseguiram negociar preços mais acessíveis para o aluguel de bicicletas para que os estudantes possam passear. Contou também sobre como ela e a escola tinham uma parceria muito forte com o Instituto Pretos Novos[[6]](#footnote-6) e o Museu do Negro[[7]](#footnote-7), espaços que sempre visitam, onde há acolhimento. Já Pâmella contou uma história de um momento em que estava dando aula para uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) e estava retornando de uma greve longa. Ela revelou que não estava conseguindo acionar argumentos que ajudassem a construir um sentido da greve para aqueles estudantes. Foi então que conseguiu uma parceria com os organizadores de uma peça de teatro que trabalhava exatamente a questão das greves

Não sei ao certo como me deparei com isso, [...] eu vi uma chamada da peça “Pão e Rosas” que falava sobre movimentos de greves no ABC paulista no final da década de 1970, as chamadas “greves de 79”. Eu ia começar com eles exatamente esse período, então eu pensei: ‘mas eu só dou aula pra eles segunda, nenhum professor vai querer trocar comigo, ainda mais agora em janeiro. Quando eu olhei no site do CCBB, excepcionalmente, aquela peça estava sendo apresentada também às segundas-feiras! Pensei que isso era um sinal. Então mandei um e-mail falando: ‘sou professora da rede pública...’ deu dez minutos e chegou a resposta do email: ‘quantos ingressos você quer?’Então nós fomos. (PASSOS, Pâmella. Conversa realizada em agosto de 2020)

Assim, percebemos a astúcia da professora operando suas táticas para a realização desta saída pedagógica ao teatro. As professoras constataram como é importante articular esse trabalho coletivamente com todos os envolvidos: as famílias, os estudantes, a comunidade escolar e os agentes dos espaços que vão recebê-los. Percebendo-se e afirmando que não são professoras salvacionistas, são professoras engajadas que pensam em um trabalho articulado e coletivo, acionando todas as redes necessárias buscando garantir que seus estudantes também tenham direito de perambular pela cidade.

CARVALHO, Julia Gurgel do Amaral Freire de. **Escolas Perambulantes**: professoras e estudantes que caminham pelas cidades. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches (Orgs). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

1. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora de História da rede privada, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Juventudes, Infâncias e Cotidianos (JICs) da UFF. www.jicsuff.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, professora do Colégio Pedro II, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Juventudes, Infâncias e Cotidianos (JICs) da Universidade Federal Fluminense. www.jicsuff.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Uma apresentação mais detalhada das professoras-interlocutoras encontra-se na dissertação de Julia Gurgel Carvalho. Neste texto, assim como na pesquisa, optamos por continuar nos referindo aos seus primeiros nomes, em conformidade com as autorizações prévias. [↑](#footnote-ref-3)
4. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) articula as universidades e as escolas públicas e tem como objetivo principal incentivar a formação inicial dos docentes dos cursos de licenciatura na graduação, concedendo bolsas para estudantes das escolas públicas. [↑](#footnote-ref-4)
5. A disciplina de Pesquisa e Prática de Ensino (PPE) é obrigatória para os estudantes do curso de História-Licenciatura na Universidade Federal Fluminense (RJ). [↑](#footnote-ref-5)
6. INP - Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, localizado na região portuária do Rio de Janeiro: abriga um sítio arqueológico em seu subsolo, o Cemitério dos Pretos Novos. [↑](#footnote-ref-6)
7. O Museu do Negro se encontra no centro da cidade do Rio de Janeiro, na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. [↑](#footnote-ref-7)